

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ ESTUDOS INDÍGENAS

O presente volume da revista *Temáticas* apresenta o dossiê *Estudos Indígenas*, composto por artigos que abordam diversos temas de pesquisas de cunho teórico e etnográfico, baseadas em trabalhos de campo intensivos ou em estudos comparativos. A coletânea de artigos aqui apresentada busca contribuir para ampliar o debate a respeito dos estudos das cosmologias indígenas, com forte ênfase nas questões do contato e das relações interétnicas, e nas maneiras como as transformações relacionadas ao convívio entre índios e brancos afetam, entre outros aspectos, as relações de gênero, práticas alimentares, formas de constituição da memória, da história e das políticas indígenas.

Com vistas a proporcionar uma espécie de panorama da produção recente e dos debates em curso nos estudos em etnologia e história indígena na UNICAMP, este dossiê é composto por trabalhos escritos a convite dos organizadores. Deste modo, pretende-se não apenas divulgar os resultados alcançados por pesquisas bastante atuais quanto a suas abordagens e discussões teóricas, mas também fomentar, entre os jovens estudantes do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH, da UNICAMP (e, obviamente, de outras instituições), o interesse pelo estudo das populações indígenas americanas.

Os autores dos artigos discutem dados de pesquisas em andamento ou recentemente concluídas, desenvolvidas no âmbito do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP, sendo que nos casos dos artigos que incorporam dados de pesquisa de campo, o contato próximo com o universo pesquisado favorece a discussão de processos atuais de reordenamentos das práticas sociais indígenas frente à interface com o mundo não-indígena e suas diversas agências, como as quais as populações indígenas interagem de maneira cada vez mais intensa.

O artigo de Felipe Vander Velden analisa a maneira como os Karitiana concebem a temporalidade das transformações culturais a partir das mudanças nos hábitos alimentares, das quais a introdução do sal é investida de sentido especial. A chegada dos 'brancos', a instauração da convivência intensa com estes novos sujeitos sociais culturalmente diferenciados e a dependência das instituições da sociedade nacional, adquirem sentido na cosmologia indígena a partir das significações atribuídas às transformações na culinária. O sentido do gosto é alçado como objeto de profunda reflexão a respeito da constituição da diferenciação cultural, da história das relações interétnicas e dos processos de etnicidade. O autor demonstra como, na compreensão dos Karitiana, os 'brancos' lograram 'amansar' os índios introduzindo o sal na alimentação. Acostumados ao consumo do tempero, os índios passaram a sentir necessidade de seu fornecimento, tornando-se totalmente dependentes.

João Veridiano Franco Neto demonstra, a partir de um estudo de uma situação de contato com a sociedade não-indígena, como a aliança matrimonial para os Kalapalo é percebida como referência cultural para estabelecer e sedimentar relações de aliança entre distintos grupos étnicos. Ao mesmo tempo, o artigo demonstra o dinamismo cultural, quando experiências nem sempre bem sucedidas são aproveitadas para o desenvolvimento de novos instrumentais capazes de promover formas alternativas de sociabilidade interétnicas como, por exemplo, a relação de amizade e a nomeação dos estrangeiros, procedimentos de incorporação de brancos, que permitem inserir esses estrangeiros nas redes de convivência das sociedades indígenas.

As formas de socialidade da população indígena urbanizada no Alto Rio Negro, inseridas em espaços de transformações instituídos a partir de marcos culturais diferenciados, é a discussão feita por Fabiane Vinente dos Santos. No espaço urbano, escolhas alimentares e a adoção de estilos comportamentais novos são mobilizadas para externar transformações que ocorrem na perspectiva das mulheres indígenas que vivem na cidade. Inseridas em um cenário multiétnico, essas mulheres indígenas urbanas desenvolvem uma série de estratégias culturais para afirmarem a especificidade de seu estilo

de vida em relação aos não-indígenas e aos indígenas que vivem nas aldeias com os quais mantêm contato intenso e freqüente. A vida na cidade também promove a redefinição das atribuições sociais de gênero, promovendo e ampliando renegociações e inovações nas relações entre homens e mulheres.

Ilana Seltzer Goldstein discute as implicações entre arte, gênero e identidade cultural, tendo como ponto de partida reflexões em torno de uma exposição de arte *Inuit* realizada em São Paulo. A autora traz ainda dados sobre o modo como diversas etnias se relacionam com sociedades nacionais, tomando como foco de análise os sentidos investidos na produção e circulação de objetos artísticos. Temas como a natureza do objeto de arte e a produção e negociação da identidade cultural são analisados sob um ponto de vista ainda pouco explorado pelos etnógrafos. A arte étnica aparece como campo da vida social em torno do qual gravitam relações interétnicas e de gênero, requerendo a atualização e resignificação da tradição, da qual se exige o cumprimento de novas atribuições, principalmente no campo da etnicidade, da representação política e da afirmação das populações étnicas como sujeitos de direitos.

O artigo de Raquel Pereira Rocha se baseia em pesquisa de realizada entre os Apinajé no estado do Tocantins e procura analisar como a situação da população socioeconômica atual promove transformações na área da saúde, educação e relações de gênero. A exposição combina dados de pesquisas de campo realizadas entre os anos de 1999 e 2000 e em 2008, sendo que a autora apresenta várias comparações, nas quais procura situar a profundidade e o sentido das transformações.

Levi Marques Pereira, procura analisar como os Kaiowa concebem a integração das pessoas ao fogo doméstico, módulo organizacional que, grosso modo, corresponde à família nuclear, tal qual a conhecemos na sociedade brasileira. O empenho é situar a inclusão e o posicionamento das pessoas a partir dos atributos alocados a cada um dos gêneros e ao pertencimento geracional. O artigo aborda o fogo doméstico como microcosmo da vida social, inserido na organização social que comporta outros módulos organizacionais mais abrangentes, como a parentela e o *tekoha*. A descrição da organização social é realizada de acordo como o modo como esta população

tradicionalmente concebe as suas instituições, mas procura, em alguma medida, dar conta das profundas modificações produzidas pelo contato, pelo recolhimento da população nas atuais reservas e pelos processos de degradação da paisagem natural, cada vez mais intensos.

Aparecida Schimidt-Madisen analisa a aplicação do conceito de “desenvolvimento forçado”, elaborado no contexto dos estudos de impactos de projetos de desenvolvimento elaborados por governos, por alguns pesquisadores ingleses e norte-americanos. Dois casos ilustram a aplicação do conceito, o dos Waimiri-Atroari que tiveram seus territórios invadidos por três grandes projetos: a rodovia BR 174, que liga as cidades de Manaus e Boa Vista, a Usina Hidrelétrica de Balbina, e a instalação de uma companhia de mineração. O segundo caso é representado pelo Kayapó, que durante os anos 80 do século passado iniciaram uma campanha, considerada bem sucedida, contra as investidas do Estado brasileiro interessado em seu território. No primeiro caso, os índios sofreram sérias conseqüências decorrentes dos reassentamentos a que foram submetidos e a fome provocada pela poluição do principal rio no seu território, resultando numa redução populacional dramática. No caso dos Kayapó, a “resistência” de certa forma conteve a invasão dos seus territórios, demonstrando como populações indígenas reagem de forma diferenciada aos projetos de desenvolvimentos governamentais.

O fenômeno da pacificação dos índios Umutina, do Mato Grosso, no início do século XX, tal como efetivado pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) é analisado por Lucybeth de Arruda. A “microanálise” da documentação do SPI permitiu a autora vislumbrar as relações entre os índios e a agência indigenista envolvida nas trocas de “brindes”. Arruda conclui que os discurso homogeneizante do SPI esconde as reais relações estabelecidas no contexto da pacificação desse povo indígena que, apesar da atuação do SPI, logrou manter sua autonomia cultural e territorial.

O artigo de Olendina Cavalcante apresenta algumas notas sobre a sociodiversidade na região do médio rio Uraricoera, estado de Roraima, tendo como foco a memória envolvendo o etnônimo Saporá. Esse etnônimo, desaparecido das fontes documentais, reaparece na etnopolítica roraimense. A autora propõe que a memória é acionada para dar conta dos freqüentes

conflitos de terras envolvendo os índios de Roraima. Assim, o acionamento de narrações mítico-históricas seria uma maneira de lembrar aos brancos que os índios ocupam aqueles territórios desde o “princípio”, ou seja, desde tempos imemoriais.

Na seção de *Artigos*, dois interessantes textos completam o volume. O artigo de Andréia Lopes traz uma discussão sobre a autoridade do antropólogo tendo como objeto de análise duas etnoficções. A construção da etnoficção, baseada na improvisação e compartilhamento no processo criativo, desestabiliza a autoridade do antropólogo-cineasta e disto resulta a relação de “confiança” com seus atores-sujeitos.

Por fim, Delcídes Marques propõe uma reflexão teórica na qual procura identificar a influência de diversos filósofos que estariam na base da elaboração de determinados conceitos básicos na obra do antropólogo Louis Dumont. O argumento do autor é que a elaboração de conceitos como igualdade, hierarquia e percepção sociológica, são tributários de discussões filosóficas que necessitam ser bem situadas para a melhor compreensão do pensamento dumontiano.

Certos de que o volume que ora se apresenta traz reflexões interessantes, os organizadores registram seu agradecimento a todos os colaboradores que atenderam ao chamado para esta publicação.

Organizadores:
Olendina de C. Cavalcante
Levi Marques Pereira